

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre 4\$000
Anno 8\$000

PROVINCIAS

Semestre 4\$000
Anno 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Gonçalves Dias.....	A REDACÇÃO.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
O Brazil e os brasileiros (3ª carta).....	YLANG-LANG.
Politica e politicos.....	PETIT-PITT.
Monumento a V. Hugo....	
Gibuk.....	GALPI.
Santa Cecilia, soneto.....	A. NOBRE.
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Gazetilha Litteraria.....	
Solus! — poesia.....	L. MURAT.
Theatros.....	
A vida elegante.....	LOGNON.
Soneto a premio.....	
Factos e noticias.....	
V. Hugo.....	
Collaboração.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Tendo liquidado todas as suas contas com esta folha, deixou de ser nosso cobrador em Nictheroy, o Sr. Antonio Luiz do Couto.

A SEMANA

Rio, 5 de Setembro de 1885

GONÇALVES DIAS

Temos o prazer de annunciar que publicaremos no proximo numero um magnifico retrato de Gonçalves Dias, o poeta vencedor na especie de eleição proposta pela *Semana* para o logar de primeiro poeta brasileiro.

O retrato é feito á penna por Belmiro de Almeida, o nosso talentoso patricio, ha pouco chegado de Paris, onde foi aperfeiçoar-se, e honra sobremodo o seu talento artistico, patenteando o progresso que tem feito. Sendo extrema a semelhança com a photographia por que foi executado, é correcto o desenho e o traço extremamente fino, embora largo e firme. Um trabalho delicadissimo, em summa.

O director d'esta folha, agradece cordalmente ao joven e distincto artista a offerta que gentilmente lhe fez d'esse precioso desenho.

Acompanhará o retrato um artigo biographico do poeta. E' auctor d'esse bello artigo Theophilo Dias, o illustre cantor da *Lyra dos Verdes Annos*, dos *Cantos Tropicães* e das *Fanfarras*, sobrinho do immortal cantor dos *Tymbrás*.

Alliando o nome do nosso illustre e joven collega a esta homenagem ao grande lyrico brasileiro, quer significar-lhe *A Semana* o alto conceito litterario em que o tem, considerando-o um digno herdeiro de tão glorioso nome.

Será por essa fórmula que nos desempenharemos do oneroso compromisso que tomámos para com os nossos assignantes, a cujo benevolente favor procuramos corresponder melhorando continuamente a nossa folha.

A Semana tem o costume, não sabemos se bom ou máu, de fazer brilhantes promessas; mas, em compensação, tem a rara qualidade de cumpril-as.

A REDACÇÃO.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Esta semana começou e findou preparando-se com toda a quantidade de verde e amarello de que ainda é susceptivel o espirito nacional, para celebrar o fausto dia em que o povo, despedaçando os grilhões que a metropole atára aos pulsos do bugre symbolico, sacudio o muito conhecido jugo tyrannico, e pela voz do soberano Augusto... quer dizer — Pedro — proclamou nos campos do Ypiranga a liberdade da patria, gritando: Independencia ou morte!

O cenaculo immortal e municipal dos 21 eleitos do povo, inflammou-se este anno em santo patriotismo, e vae desentranhar-se em musica, foguetorio, barraquinhas, kermesses, passeiatas civicas *aux flambeaux* e repenicados de repica-ponto nos concertos e bailes que hão de alegrar o proprio S. Sebastião nas alturas... do campo de Sant'Anna.

A Semana não pôde deixar de associar-se ao movimento patriotico de 7 de Setembro, e entende que a melhor manifestação que pôde dar do seu interesse pela causa publica é approvar tudo o que tem feito e vae ainda fazer a Camara Municipal, menos as barraquinhas do campo da Acclamação.

As barraquinhas, mascaradas com o titulo de — *feira franca* — não são mais do que um grave perigo para a população, e uma illegalidade porque vão ser verdadeiras casas de jogo provisórias, onde a roleta attrahe os papalvos e os vadios e onde as musicatas saturadas de jubilo chamarão a conclave os capoeiras, os madraços e os gatunos.

Creemos estar na alçada das auctoridades policiaes a repressão d'este abuso municipal. Façam-se as barracas, haja musica, vendam-se bonecos commemorativos do facto politico que se celebra; mas não se consinta o jogo. l

Rolota no campo de Sant'Anna ou na rua do Senhor dos Passos — tudo é roleta.

O Sr. Zama, que é entendido na materia, é quem devia na Camara dos Deputados pedir as necessarias providencias: mostraria assim ser grato ao digno subdelegado Leite Borges.

Fôra do circulo patriotico e politico não dá a semana materia para chronica; todavia, como somos obrigados a fazel-a, procuraremos o meio mais facil e mais expedito de satisfazer o compromisso:

Diremos, pois, que no domingo houve um começo de incendio no theatro Polytheama, do qual resultaram algumas contusões e umas divisas de 2º sargento graduado ao cabo Thomaz Alves, do corpo de bombeiros, que estava de serviço no theatro e que dirigio o esguicho salvador.

Aquillo foram restos do *Genio do fogo* que ha pouco tempo se representou ali.

..

Uma cousa muito interessante devia tambem ter sido a visita que o imperador fez ao quartel dos bombeiros, na segunda-feira. S. M. mandou dar signal de incendio e chamar o pessoal de todas as estações á central. Foi tudo obra de 16 minutos, segundo dizem as folhas.

Se fosse nos bons tempos da *creoula* e do pittoresco e inolvidavel tenente-coronel Carvalho, o famoso circumscriptor, haveria quem dissesse que S. M. receia a visita de alguns petroleiros á quinta de S. Christovão.

Fique tranquillo o imperador. Os republicanos de demagogia explosiva, os *sucios* são muito accommodaticios: basta lançar-lhes alguns vintens — que poderiam ser dados aos mendigos, dar-lhes credito na typographia nacional para a impressão das sandices e eil-os a balouçar o thuribulo da bajulação, atirando ao vento com as magras idéas a garrafa de petroleo e os phosphoros.

..

Desde segunda-feira que está aberta uma *kermesse* no theatro Recreio, com barracas e espectáculo. Esta *kermesse* é em beneficio do Club Thalia, do asylo da infancia desvalida da Candelaria e da libertação do municipio neutro.

Que seja em beneficio da infancia e da libertação, comprehende-se; mas que o seja tambem do Club Thalia, é que parece incrível. Que diabo! uma sociedade dramatica implorar a generosidade publica, é uma vergonha para a memoria de João Caetano. Quando o actor Galvão voltar de S. Paulo o Club Thalia vae ver o bom e o bonito. Mas a arte dramatica ficará vingada.

..

Têm continuado as correrias de capoeiras.

Agora é que vamos ver a energia das novas auctoridades policiaes. Se o Sr.

Dr. Coelho Bastos conseguisse dar cabo da maldita raça, era caso para se cognominá-lo — o pae da Corte.

Pouco mais houve na semana digno de nota.

Lembraremos que o juiz de direito do 8º districto criminal pronunciou Alberico Delascar de Souza Leite como incurso no art. 271 do código penal (matar para roubar).

Faltaramos também a um dos mais sagrados deveres se não dissessemos que foram nomeados 1º e 2º delegados de policia os Drs. Jose da Silva Mattos e Augusto Hygino da Cunha Souto Maior.

Um acto digno de louvor foi o que praticou o Sr. Barão de Cotegipe, como provedor da Santa Casa da Misericórdia, mandando encerrar os restos mortaes de D. Anna Nery em jazigo perpetuo, onde se gravará uma inscripção á benemerita e caridosa senhora, que tão relevantes serviços prestou na desgraçada campanha do Paraguay.

Terminaremos esta historia com duas noticias tristes:

Falleceu no dia 3 o brigadeiro José Maria de Alencastro, um distincto e valente servidor da patria.

No mesmo dia falleceu também o antigo redactor do Almanach Laemmert José Antonio dos Santos Cardoso, que era actualmente director da typographia *Perseverança*.

Eis o que houve n'esta semana triste, segundo as parcas notas de

FILINDAL.

Nos jantares d'homens ha sempre uma tendencia para falar á sobrezeza na immortalidade da alma.

ED. ET JULES DE GONCOURT.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

CARTAS DE UM CHINEZ NO BRAZIL A UM BRAZILEIRO NA CHINA (*)

III

A ESCRAVIDÃO

« Meu caro Luiz.

Prometti-te na minha ultima carta que nesta te daria passageira idéa dos estragos e dos males que a Escravidão tem causado a este bello paiz.

Venho desempenhar-me da promessa. Não cabe nestas curtas missivas despretenciosas o estudo historico da introdução d'essa verdadeira calamidade no Brazil e do hediondo trafico. As consequencias funestas d'esses factos é o que principalmente desejo apontar-te, embora de corrida.

As primeiras ondas de povoadores enviadas para o Brazil pela metropole portugueza foram, como sabes, compostas dos peiores elementos. Degredados, criminosos fugidos á justiça, aventureiros e especuladores. A remotissima e opulenta colonia, de cuja importancia a propria metropole não tinha inteiro conhecimento, attrahia, como era natural, unicamente os que em Portugal nada tinham que ganhar e nada tinham que perder. O governo lusitano, deseioso de se aproveitar do seu mundo novo, promettia maravilhosas riquezas, fazia cubiosas promessas aos que fossem povoal-o. Tão precarias eram, no emtanto, as condições de permanencia na colonia e tão

difficeis os primeiros tempos da colonisação que varios governadores de capitánias morreram na miseria extrema, sem um lençol para mortalha.

So muito lentamente foi a colonia desenvolvendo-se. Durante meio seculo ficou a colonisação do Brazil entregue ao acaso.

A integração da sua vida propria foi difficillima e realisada por elementos de uma heterogeneidade espantosa. Além dos portuguezes — e já disse quaes os que a principio vieram — encontravam-se aqui representantes de varias outras nacionalidades, principalmente hollandezes, francezes e hespanhoes, todos na luta desesperada de conquistar o novo El-Dorado e de explorar-o o melhor possível e no mais breve tempo. Começaram as cathecheses.

Os primeiros jesuitas foram trazidos ao Brazil por Thomé de Souza, o primeiro governador geral, que com os primeiros jesuitas, em numero de 6, trouxe nada menos de 400 degredados, para fundar a capital da colonia — S. Salvador.

Reinava o beato e pastrana D. João III e foi elle quem mandou o padre Manoel da Nobrega e seus companheiros a christianisar o gentio brazílico. Nobrega, como depois Anchieta e poucos outros, muito trabalharam pelo Brazil e a elles este muito deve do que é hoje.

Desde então, bandos de jesuitas, e mais tarde, depois da expulsão d'estes, os capuchinhos, embrenharam-se pelas florestas a civilisar o gentio. D'ahi a immiscuição d'este novo elemento — « o caboclo » na vida colonial brazileira.

Dentro em pouco os indigenas pertencentes ás tribus menos ferozes — pois algumas houve cuja domesticação foi impossivel — foram reduzidos ao serviço dos exploradores da conquista.

Foi essa a primeira face da escravidão no Brazil: — a escravisação dos indios. São concordes os historiadores em affirmar que os jesuitas se oppunham á perseguição e captivoiro dos indios e que por vezes travaram luta renhida contra os portuguezes, anciosos de conseguir captivos.

As innumeras leis portuguezas a respeito dos indigenas do Brazil tendiam todas a estabelecer o principio da sua liberdade e unicamente admittiam o captivoiro dos indios no caso « de serem tomados em justa guerra, feita por ordem de el-rei. » Sómente a energia do marquez de Pombal conseguiu reifrear a famigerada cobiça dos portuguezes, que, a fogo e ferro, buscaram captivar os indios, quer nomades, quer catechizados. Foi também Pombal quem extinguiu com a lei de 6 de Junho de 1775 a escravidão dos indios na colonia, restituindo-lhes a todos sem excepção a sua liberdade extorquida.

Já por esse tempo havia escravos negros no Brazil.

Quando começaram a ser importados? Gabriel Soares no seu tratado descriptivo do Brazil diz que em 1530 D. João III mandou escravos de Guiné para o Brazil; mas é possível e talvez provavel que antes d'esse tempo já tivessem vindo alguns.

Não posso portanto dizer-te ao certo a época em que foram introduzidos nestas terras da America os primeiros africanos escravizados. Mas dir-te-ei mais que já em 1630 o seu numero era tal que nas florestas intituladas *Palmares*, por serem de palmeiras na maior parte, haviam-se refugiado cerca de 30 mil negros fugidos, e lá viviam em aldeias a que chamavam *mocambos*, constituindo uma especie de republica, cuja destruição deu muito trabalho aos portuguezes, que naquelle tempo lutavam desesperadamente contra o invasor

dominio hollandez. Esse algarismo, dado por Southey, é contestado pelo seu illustrado commentador, Dr. Fernandes Pinheiro, que acreditava não se elevar o numero dos *quilombólas* (negros fugidos) a mais de quinze mil.

O que ha de verificado é que foi no seculo XVII que começou o trafico, que augmentou no seculo XVIII com o descobrimento das minas.

Quaes os causadores ou as causas do trafico? E' outra pergunta de difficil resposta. Mas posso dizer-te, em resumo, que foram quatro as principaes causas do trafico: — Primeira — o espirito de imitar a America hespanhola, onde, graças ao bispo Las Casas, havia muitos negros escravos; segunda — o fabrico do assucar; terceira — o desenvolvimento de exploração das minas; quarta — a lavoura do café, cada vez mais progressiva. A influencia dos jesuitas foi indirecta. Elles consentiram no trafico para proteger os indios, que a principio foram exportados como escravos para Portugal e para as Antilhas.

Ponho de lado a investigação d'essas questões, aliás interessantes, que pouco importam ao fim que alvejo e que é, como te disse, apresentar-te a rapidos e largos traços um quadro dos males produzidos pela escravidão ao Brazil.

Para conseguil-o deixarei o Brazil colonial e o Brazil do primeiro imperio. Será no Brazil actual, no Brazil autonomico e livre, no Brazil do Sr. D. Pedro II que desenvolverei o meu estudo, tanto quanto me permittirem as condições em que te escrevo.

Effectivamente, sendo o Brazil actual o resultado logico e natural dos seus antecedentes historicos, e tendo sido a escravidão a mais poderosa determinante da sua evolução sociologica, determinante que ainda perdura, continuando a influxional-a, pelo estudo do Brazil de hoje poderemos chegar ao perfeito conhecimento da influencia perniciososa que sobre este paiz tem a escravidão produzido.

Esse methodo poderia falhar se pudesse restar duvidas ou ainda travar-se controversias sobre a natureza e os efeitos d'aquelle agente poderosissimo na vida dos povos.

A Historia tem-nos provado a toda a evidencia que a escravidão tem sido sempre um elemento perturbador, retardativo e dissolvente, e por tal forma extensivo e forte, que para ser extirpado fazem-se sempre indispensaveis os meios violentos e o impulso decisivo de profunda e incoercivel reacção.

Tal é a lição historica. Além d'isso, não acredito que nenhum espirito estudioso sinceramente possa negar que o temeroso estado geral de anarchia, em que se estorce e luta este bello paiz, seja principalmente devido á Escravidão. E' claro que não tem sido ella o *unico* elemento maléfico, mas é exactamente por ter encontrado *meio* propicio ao seu desenvolvimento que este foi tão rapido e de tão terribes consequencias.

Como o rio maldito de que nos fala um poeta teu patricio, de grande talento, o auctor das *Meridionaes*, como um rio maldito a Escravidão encontrou no Brazil do seculo XVII leito proprio para correr livremente, em toda a força e expansão das suas ondas vagarosas e veneficas.

Paiz em formação, agitado na desordem natural dos elementos em luta, em que tudo era movel, incerto, fluctuante, amorpho, o Brazil sentio *necessidade* do escravo, trouxe-o ao seu seio como um elemento de prosperidade mais rapido, mais facil e mais prompto, sem deter-se um só instante a considerar na sua moralidade e nos males que d'elle promanariam de futuro.

(*) Vide *Semana* ns. 30 e 32.

A escravidão não seria implantada no Brazil, ou em breve tempo teria sido repellido e extinta, se o Brazil do seculo XVII não fosse o que era: um paiz *escravo*; escravo dos seus descobridores, ou antes: dos seus conquistadores, escravo da ignorancia e dos vicios dos seus exploradores, escravo do atrazo proprio e da cobiça alheia.

Vaes vér, meu caro Luiz, em que estado poz aquelle mal damnado a tua formosa e grandissima patria.

Prepara-te para cousas tristes e repugnantes, mas verdadeiras; por nossa desgraça rigorosamente verdadeiras.

Não será, porém, nesta carta. Fica para a seguinte.

Adeus. Deseja-te um mandarinato o teu velho amigo

YLANG-LANG.

POLITICA E POLITICOS

Todo o interesse politico da semana concentrou-se no Senado.

O Sr. presidente do Conselho, chamado nominal e energicamente a definir-se sobre a questão do elemento servil pelo benemerito conselheiro Dantas, teve o prazer de annunciar ao Senado e ao paiz que o governo, que neste momento felizmente nos rege, aceita, tal e qual, o projecto de 12 de Maio, o famigerado projecto—Saraiva. Fiquemo-nos sabendo todos:—o que o Sr. de Cotegipe queria, devia e podia, o que elle pode, deve e quer é — o projecto Saraiva.

O Senado recebeu ordem de approval sem nenhuma alteração, sem discussão, e o mais depressa possivel.

Uma especie de estrangulamento mysterioso em masmorra mediaval.

Visto que a Camara teve o desaforo de negar a sua fiança politica ao gabinete Cotegipe, o gabinete Cotegipe vingou-se impedindo que o projecto volte á Camara. Do Senado sahirá promptinho, intacto, a felicitar os povos com os seus 5% de novos impostos, e seus artigos contra *acoutadores* de escravos e a sua nova escravidão:— a «escravidão do sólo» e as suas muitas outras bellezas. Mui-tissimo bem.

O Sr. Antonio Prado explicou, « com muita habilidade » na opinião do Paiz, a sua declaração, antes de ser ministro, de que como governo não aceitaria o projecto Saraiva e agora a sua accitação plenaria. Foi um bello *tour de force*.

A coherencia politica do nobre ministro ficou provada a toda a evidencia.

Muito bem, Sr. de Cotegipe.

Muito bem, Sr. Prado.

Muito bem, senhores conservadores.

Muito bem, Sr. Paiz.

Eu vos admiro e comprimento.

PETIT-PITT

MONUMENTO A V. HUGO

(Vide *Semana* II. 35)

Recebemos mais as seguintes quantias:

Luiz de Andrade.....	5\$000
Soares de Souza Junior.....	5\$000
Quantia já publicada.....	50\$000
	60\$000

Rogamos aos nossos collaboradores, que ainda não nos remetteram a sua quota e desejarem fazel o, o obsequio de nol-a enviarem o mais breve possivel, pois temos pressa de fazer chegar á commissão central parisiense a pequena

contribuição d'A *Semana*, antes que se tenha encerrado a subscrição com que o mundo inteiro vae prestar á memoria do seu poeta uma pequena homenagem da sua immensa admiração e profundo reconhecimento.

Aos distinctos escriptores, a cuja collaboração tanto deve A *Semana*, agradecemos a gentileza e a solicitude com que se dignaram de acolher o nosso pedido.

GIBUK

I

Dias da juventude, bandos de avesinhas de pennas multicores e gorgeios de amores innocentes! Revoae, revoae em torno do meu cerebro, escaldado pelo sol do outono da vida. E' tão sombrio o presente! é tão escuro o porvir!

O passado! ah! lembremol-o.

Imaginação e memoria, abri as vossas azas! Oh! que regiões encantadoras avistamos!

Pousae:

Recomecemos agora a jornada, que sein vós tantas vezes fiz sosinho.

Galguemos aquella serra, que separa a Ingahyba da Jacuacanga.

Caminheemos... caminhemos ainda... ainda mais.

Já vae longo o percurso. Descansemos por minutos á fresca sombra d'esta matta virgem.

O esforço da ascensão neste mez calmoso de Janeiro faz o sangue ferver nas veias, porejar o suor, agitarem-se os pulmões, bater celere o coração, offegar o peito. A fadiga invade os membros todos. O manometro da machina da vida marca a mais alta pressão!

Paremos.

Como ruje a garganta! parece a cratera do volcão—peito—prestes a irromper; a vista escandecida repousa na penumbra da floresta, os ouvidos zumbem ensurdecidos e ouvem-se os latejos das temporas, que soam ás vezes como bater de pendula, regular e monotono; outras—pancadas dolorosas de malho sobre o encephalo!

Repousemos.

Ah!... A calma vae invadindo o corpo, que já sente a frescura da sombra e o avelludado da relva; as palpebras entre-abertas deixam ver na meia claridade da selva os troncos das arvores, como se fossem gigantes immoveis em muda contemplação! gratos sons ferem o ouvido, que se prende ao encanto de harmonia divina, modulada em brandito, que se altea ou se abemola até perder-se na mais fugitiva surdina—é a lymphá, que sonora deslisa por entre os seixos da grota.

Desalteremo-nos.

A folha do caethé é taça de esmeralda e a agua nella parece liquido diamante. As securas todas do peito sorvem em longo hausto o liquido puro e crystallino, que de joelhos o sequioso viajante aparou de uma pequenina cascata, occulta por larga folha de taioba.

A agua corre em borbotões pela garganta, como chumbo candente, causando desprazer e dôr; parece penetrar nos bronchios e semelha rapida ebullição que asphixia com seus vapores, dominando os canaes respiratorios.

Detenhamo-nos.

Agora sim... bebamos placidamente este sangue da terra, carregado aqui em sua origem das emanções ainda puras da matta virgem; em breve se immiscuirá ao de outras veias, que se dirigem ao figado doentio d'esta terra—as vargens da Ingahyba—para formarem a sua grande—veia Porta—o rio d'aquelle nome, por onde penetrarão no mar—o coração do globo.

A selva é densa. A foice do homem apenas abriu a larga picada por onde avança o campinheiro.

A terra está humida e escorregalia; o sol não penetra aavez das copas das arvores, que na luta pela luz e pelo calor, que lhes são elementos para existir, ficam as raizes na terra, para bem firmarem-se, e alteam-se erectas, aprumam-se e atiram os braços para o espaço, como mergulhadores do infinito. E' a grande luta... a luta pela existencia... mas sem gritos, sem lamentos, sem improprios, sem injurias, sem as calunnias dos homens!

O batalhador—a que o Jequitibá orgulhoso ou a Garapa astuta, com suas curvas, espiraes, galhos perdidos venceu e dominou a fronte,—mirra-se no silencio da sua magoa, amarella a folhagem, desprende as radículas, deixa cahir a casca, armadura de combate e, exposta ao assalto de vis e pequeninos inimigos, é pasto do gusano e de todas as larvas immundas! Ai dos vencidos! Só tem elle um grito de dor e desespero, e é, quando mortalmente ferido cahe aos pés do vencedor e vae transformar-se em humus para alimentar-lhe a secular existencia.

A brisa por vezes brinca com as folhas seccas do chão, percorre a floresta e forma um côro de estranhas vozes, que parece órgão misterioso de templo gigante, consagrado ao Deus Ignotus.

A picada desce e galga montes, transpõe grotas, é-lhe ponte o tronco robusto do ipé, que o caçador derribou. A matta em uma ou em outra vertente é tão clara e limpa, que só rasteiras gramineas ou folhas seccas acamadas tapetam-na; vé-se ao longe esgravatar o chão o pardo urú e distingue-se a rajada poupa da anhiambú arisca; em outros pontos está suja e tapada de taquáras, cresciunas, taquarussús, sipós, que se entrelaçam, restringindo a vista e empecendo o caminhar.

Prosigamos. Sem detença, que esta serra parece ser a escada das nuvens! Depressa, dobremos-lhe a garganta. Sinto um mal estar que me inquieta a alma; parece que a vida aqui é impossivel.

A floresta perdeu toda a animação: silencio tumular domina-a agora; é tão cerrado o matto que parece visinha a noite.

A's margens do caminho entrançam-se plantas de folhas asperas, cortantes algumas, cobertas outras, como os troncos, de espinhos rijos; só se distingue a abobada baixa, acacupada da vereda. E' o deserto em plena mudez acabrunhadora! Deveria ser horrivel supplicio prender aqui uma existencia! Terminaria ella na vesania ou se aniquilaria no tedio! Peior que o nauta isolado na solidão do mar oceano, o homem sente-se orphão da Humanidade; assaltam-no todos os receios, imagina catastrophes e percebe-se fraco, impotente, nullo, para lutar com o silencio, com a agrura, com a escuridão, que o rodeia como crepe mortuario.

A esperanza, o desejo da vida, da luz, do sol instigam o animo. « Caminha!—brada-lhe intima voz, caminha ainda; mais rapido; ergue a frente; encara sem sobresaltos a morte; não és homem? de que te serve a coragem? Avante.»

Oh! Mal contém o viajante o seu assombro. Como que por encanto, tudo... tudo por que elle anciava ali está: o sol, a luz—a vida.

Arranca do intimo do peito um brado de alegria, uma exclamação de prazer.

Quem houve que no meio do sertão abriu uma vasta clareira e plantou os esteios de uma casa?! Habitam-na, que de sobre a cumieira em volutas ergue-se fumaça: a porta ostenta-se o vulto de robusto caçador.

— Oh! viva, senhor, que fortuna! exclama o que surge da matta, pare-

cendo-lhe um velho amigo o desconhecido sertanejo.

— Deus o guie; é a singela resposta.

O recém-vindo avança, cheio de confiança, levando nos lábios o sorriso da satisfação, e estende a mão que o sertanejo aperta franca e amigavelmente.

Vêm-se pela primeira vez e já são de facto amigos! Não ha estranhar. A solidão, o perigo e a dor formam entre os que delles participam o facil commercio de leal amizade.

II

Por entre dois elevados picos da serrania o sol, caminhando para o Occaso, illuminava, como se fora larga faixa de ouro, parte da montanha a cuja sopé erguia-se a cabana do solitario morador do sertão.

A luz do sol poente reflectia no cano polido da arma que o caçador empunhava e que a cada movimento parecia despejar um relampago. A camisa e a calça de algodão eram de deslumbrante alvura e o rosto moreno de mestiço, bronzeado pelo sol de quarenta janeiros, batido então pela luz, tinha reflexos metallicos. A immobilidade do semblante era igual á dos olhos, amortecidos por profunda melancolia.

Assim o vio—estranho personagem— quem annos antes partilhára da caça moqueada, que lhe fora francamente offerecida em generosa hospitalidade, cordeal e folgazã!

Tão profunda era a scisma em que estava mergulhado o seu espirito, que só a poucos passos de distancia percebeu quem d'elle se approximava.

Volvou o olhar com lentidão e com brando gesto correspondeu á saudação que lhe fora dirigida.

Por toda a parte a solidão!

Profundo silencio dominava a natureza, que se quedava na nudez do dia expirante; o sol pouco a pouco retirava-se da terra e apenas tingia algumas nuvens, que encontravam-se no horizonte, como purpuras cortinas do leito em que se pousava o sumptuoso rei da luz e dos espaços. Só as estrellas velavam no céu enquanto elle dormia o seu somno—a noite.

Amortecida candeia illumina a casa e a um canto sobre grosseira mesa debruçam-se o hospede e o hospedado.

— Gibuk! onde está ella?

— Lá, responde apontando na direcção do postigo, no seio da nossa mãe, aleitando o filho.

— O filho?!

— Sim... o filho.

— Mas...

A cabeça do sertanejo cahio de encontro á mesa produzindo o som de forte pancada. Ergueu-a lentamente, indifferente a qualquer dor. Encarando a estrella que brilhava por cima das arvores falou a meia voz, como quem monologa.

« O amor é a scentelha, que fórma o incendio, em que nos abramos — a vida.

« São-lhe grandes labaredas—o amor de amante, o amor de pae e o amor de filho.

« Ella nascera para amar! não lhe bastava a ternura filial.

« Arranquei-a—flor mimosa—dos jardins da beira-mar, onde vegetam os homens, e vim plantar-a neste deserto, onde vivem as arvores.

« Recebia do ipê a flor mimosa, dava-lhe a sapucaia o fructo saboroso, brincava nos braços do arariba e repousava, depois de haver folgado o dia todo com as plantinhas e as flores, que a alegravam, a enterneciam ou a irritavam, no entroncamento dos galhos do cedro, que a beijava com a macia folhagem e roçava-lhe os bicos dos

peitos duros com a rija casca. E...então ella adormecia embalada nos sonhos de amor.

« Ahi está elle, o amante, morto.

« Parece ás vezes viver... parece chorar... outras, dir-se-ia que se enfolha e se ergueu, como um phantasma, que quebrasse a lousa do sepulchro para procurar a amada, que ficou-lhe no mundo.

« Guarda a sepultura d'ella como cão fiel que guarda a cova do seu dono.

« Que noite horrivel aquella!

« O sol retirára-se com a cor escura da colera. As nuvens amedrontadas corriam atropelladamente, chocando-se delirantes em completa desordem... Sumiram-se ao apparecimento do nordeste...

« Veio a noite... e com ella accumulados bulções.

« Collocam-se em posição de exercitos que vão ferir a batalha.

« O ar, como o halito corrupto da terra, agitou-a com as azas do vendaval. Um relampago fuzilou no espaço — era o signal — e as trompas dos trovões rouquejaram seguidamente, acompanhando os raios em todas as direcções!

« O sangue dos vencidos cahia sobre a terra e formava torrentes!...

« As arvores chocavam-se, luctavam, dobravam-se, reerguiam-se, rangiam, estalavam os troncos, tonibavam!...

« E os coriscos atiravam as mechas do incendio, que alastrava, formando espiraes de chammas, que equilibravam-se até galgar a copa dos madeiros, e, como serpentes de fogo, mordiam-nos, envolvendo-os nas roscas vermelhas, sibilando as linguas agudas, e estalando as igneas escamas!

« Por sua vez gemeu o Cedro... gemido que Gibuk ouviu, — gemido que ella comprehendeu...

« Sahio affrontando a colera do vento, o furor do incendio, a inclemencia da chuva, a furia do raio, o estalar das arvores e o rugido da borrasca!

« A luz dos relampagos prateava-lhe o corpo moreno e ella avancava saltando com a agilidade da lontra.

« Ai! misera! O cedro, o seu amigo, o seu amante dava o derradeiro arranco; erguera-se depois de ter curvado a fronde esbelta. Estava só! Em torno tudo era destroço, aniquilamento!

« O amor possui todas as coragens! E o coração d'ella soffria todas as torturas, que podem puugir um peito amante!

— Não, não succumbirás, bramou; aqui estou eu, que te venho proteger.

« Cinge com os braços o tronco, esmaga os seios contra elle e encara, fincadas as plantas no solo, o vacillante cocar do já exhaustuo guerreiro.

« Tudo conspirava contra aquelle amor selvagem!

« Um raio parte do céu e rasgando os ares fende o corpo do Cedro. E juntos... elle e ella... amante e amado, cahiram n'um mesmo baque, estreitamente unidos!

« Morreu, feliz, a morte de amor.

« Da cova, onde a enterrei, nasceu o pequenino Cedro — é o filho... que ella mesmo da sepultura aleita. »

E a cabeça do sertanejo cahio de novo sobre a mesa com violenta pancada; cerrou os olhos e a bocca emmudeceu.

GALPI

SANTA CECILIA

SOBRE UM QUADRO DE DELAROCHE

Num rio virginal de aguas puras e mansas,
Pequenino baixel, a santa vae boiando...
Dilue-se, pouco a pouco, o ouro das suas tranças
E vae suavemente as aguas aloirando.

Circunda-a um resplendor luzente de esperanças,
Unge-lhe a face um luar sereno, unctoso e brando,
E, com a graça etherea e meiga das crianças,
Santa Cecilia vae boiando, vae boiando...

Os cravos e os jasmims abrem á luz da lua,
E ao verem-na passar, phantastica barquinha,
Murmuram entre si:—«E' um marmor que fluctua!»

Ella entra no oceano... E escuta-se, ao luar,
A Mãe do pescador, rezando a ladainha,
Pelos que andam, Senhor! sobre as a guas do mar.

ANTONIO NOBRE.

1885—Leça da Palmeira.

(Dos Alicerces).

COFRE DAS GRAÇAS

Aphorismo: O homem de espirito pôde dizer asneiras: é o seu direito; mas o imbecil deve dizel-as: é o seu dever.

Pensamento de não sei quem:

« E' impossivel saber onde vae uma mulher, quando sahe sosinha; escreveu um entendido na materia. Em compensação é facillimo saber aonde é que ella não vae.

E' muito simples: — uma mulher que sae sosinha pôde ir a toda parte, menos áquella aonde ella disse que havia de ir.»

No tribunal:

O presidente: — Então V. teve a coragem de chamar burro á testemunha, deante do tribunal?

O réu: — Mas, meu presidente, elle é meu primo.

Um inglez que subio este anno ao apice da pyramide de Cheops, encontrou ali o seguinte soneto dentro de uma lata de mortadellas viaia e que vae naturalmente fazer a volta do mundo — o soneto e não a lata:

A S. SEBRÃO

Tu, que és um egyptologo de arromba,
E que sabes os nomes aos bois Apis;
E que com penna de escrever ou lapis
Lanças na imprensa bomba sobre bomba,

Hoje ao pedido meu não faças tromba,
Nem a dizer o que eu te peço escapes,
Nem um susto, Salustiano, rapes:
Nos bolsos teus a minha mão não tomba.

O que eu quero de ti, que és erudito,
Artesiano poço de sciencia,
E que tantos cadernos tens escripto,

O que eu quero de ti já fleia dito:
E' que me digas qual a procedencia
Das taes cebolas celebres do Egypto.

OLIVIER PAIN.

Um jornal da Australia annuncia nos seguintes termos a proxima publicação em folhetins de um romance traduzido do hespanhol:

« Sobre dez mil leitores d'este fatal romance, contam-se quatrocentos e vinte dois casos de loucura; novecentos e setenta e sete casos de monomania, oitocentos e noventa e quatro suicidios e mil trescentos e quinze desapparecimentos. Advertindo por esta forma os nossos assignantes cremos haver cumprido o nosso dever. »

Ein? Voila une reclame... épatant!
Caramba!

BIBIANO*

GAZETILHA LITTERARIA

Livros francezes

Foram recentemente publicados :
PHILOSOPHIA E HISTORIA

Victor Cousin—Paul Janet. Obra importante, em que o grande philosopho francez e as suas obras são estudadas com imparcialidade e lucidez.
André Jackson—Albert Gigot; Carnot—Picaud; *La reunion de Toul à la France*—marquez de Pimodan.

GEOGRAPHIA

Le monde chinois—Philippe Daryl; é o 4º volume da serie de estudos da vida politica e social dos paizes estrangeiros, publicada por Daryl sob o titulo geral: *La vie partout*. Os primeiros já publicados são: *Vie publique en Angleterre*, *En Yacht e Signe Meltröë* (a vida em Berlim).

DIVERSOS

La sagesse parisienne—H. Fouquier; *Le besoin d'aimer* (romance)—P. Alexis; *Le traité pratique du budget departemental*—Philippini.

A proposito de um artigo publicado por *Parisis* no *Figaro*, sobre *L'œuvre*, o romance em que trabalha actualmente o assombroso romancista do *Germinal*, escreveu Emilio Zola áquelle chronista a seguinte carta :

« Medan, 22—julho—1885.
Obrigado; mil vezes obrigado, meu caro confrade, pelas boas cousas que V. disse de *L'œuvre*, antes mesmo de haver sido escripto este livro. Mas V. aterrorisa-me: dar-se-á caso que realmente os amigos de Goncourt,—que são, segundo creio, também os meus,—esperem meu livro com tamanha anciedade ?

Em todo caso faz bem Goncourt em ficar tranquillo. *L'œuvre* não será nada do que se tem anunciado.

Não se trata nesse livro por nenhum modo de uma serie de quadros sobre o mundo dos pintores, d'uma collecção de *aguas-fortes* e de *aquarellas*; mas simplesmente de um estudo de psychologia muito minucioso e de profunda paixão.

Obrigado ainda e acredite-me vosso etc.,

EMILE ZOLA.»

Esta carta varreu de um golpe o amontoado de noticias prematuramente espalhadas sobre a natureza e os intuitos do romance de Zola, *ainda não escripto*. Ora queira Deus que, apesar, d'isso, não recommencem as imaginações dos *reporters* litterarios de Paris a fazer das suas!

SOLUS !...

A ALBERTO DE OLIVEIRA

Vem pelos ares negros reboando
E as nuvens tetras, grossas impelindo
O temporal os raios carregando
No bojo, onde os trovões estão rugindo.

Ora ferindo o céu, ora escalando
As nuvens, ora os broncos tóros ruindo,
Elle, com o monte e o mar em terra dando,
Rios, serras e abysmos confundindo,

Parece um Deus que os mundos traz á guerra!
Vamos, depressa, temporal, a Terra
Torce, esmaga, e os pedaços lança aos ares.

A tua clava enorinissima, iracundo
Gigante, descarrega sobre o mundo,
Devasta o céu, revolve inteiro os mares !...

Que eu só fique de pé sobre as ruinas
Dos templos, das cidades submergidas,
Que urre o vento na grimpada das colinas
Por vagalhões de cinza e pó varridas.

Que as montanhas, as varzeas e as campinas
Pelos vagos do Oceano revolvidas;
Que as feras fulvas errigando as crinas,
Pela noite fugindo espavoridas,

Encham o céu de lugubre clamor...
Que a Terra em longo e rábido estertor
Desappareça n'este cahos profundo !...

Que a noite venha as solidões cobrir,
E que eu sómente, eu só, possa assistir
A' agonia dos deuses e do mundo !...

Os planetas cruzando o espaço allucinados,
Sem bussula, sem sol, sem Deus e sem roteiro,
A percorrer o vacuo e desequilibrados,
Mal podendo romper o espesso nevoeiro

De sangue que os envolve, irão arrebatados
Encher do céu deserto o horrifero nateiro,
— Escorralho de sóes e trevas misturados,
— Da hecatombe final o estertor derradeiro!

Que esta abobada negra ao infinito chumbada
Role de espaço a espaço os mundos condu-
zindo,
Pelos ventos varrida, em sombras sepultada!

Que a chuva a inunde e d'ella os deuses se
evadindo,
Levados na corrente eterna da enxurrada,
Dos sec'los aos meus pés estorçam-se bra-
mindo !...

Massiças noites, céos tempestuosos se fendam
E rujam dentro d'elle á noite ereos dragões !
Flammejantes corceis de asas negras es-
tendam
Seus tragicos perfis nas ermas solidões.

E as caudas igneas o ar e a abobada incen-
dando,
Assombrosos, crueis centauros, arrastando
Atravez d'este cahos maldicto um côro hor-
rendo
De almas que vão ao céu rugindo e blas-
phemando,

Derroquem de alto a baixo esta prisão fatal,
Este eterno degredo, este circulo infernal !...
Ah ! a quem o creou tão negro, eu não per-
dou !

Dá-nos em vez do sol a noite, e a alma op-
prime !...
Seja quem fór o auctor deste execrando crime
Satan, ou mesmo Deus, oh ! eu te amaldiçouo !

LUIZ MURAT.

THEATROS

UM TIGRE E DOIS LEÕES

Sureesh Beswash é um homem robusto, de estatura regular, oriundo da India, segundo elle diz e parece, desembaraçado e sympathico. Não tem a força muscular de um Sansão; mas, quanto a coragem, talvez que nada ficasse a dever áquelle homem que abalou um templo e matou cem mil philisteus com uma queixada de burro.

E' certo que o valente domador de feras, actualmente o principal atractivo do Polytheama Fluminense, encara a morte nos olhos e sobretudo nos dentes dos seus *bichinhos* com a mesma indifferença com que eu vejo o urso branco do *Jornal do Commercio*.

Um tigre, dois leões e um homem, mettidos na mesma jaula é para por em movimento o systema nervoso do cidadão mais calmo d'este mundo.

Que medo, meu Deus, que medo causam aquelles dois terriveis leões e aquelle não menos terrivel tigre ! E no emtanto o destemido Sureesh Beswash lida com elles como com uns gatinhos domesticos !

Em conclusão, continúa o Polytheama a apresentar as formosissimas feras, que são muito de ver-se, e de quando em quando faz exhibir-se o *Pachiderme*.. isto é — o *Jornal do Commercio*, quero dizer... o *Bosco*.

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA

Representou ante-hontem esta excellente companhia a comedia em 5 actos *Rabagas*, de Sardou, inteiramente desconhecida para a nossa platéa.

Falta-nos espaço para analysar, como desejamos, esta producção do celebre dramaturgo, sobre a qual tão ruidosas polemicas travaram-se na imprensa parisiense.

Tem esta peça todos os defeitos e algumas das qualidades das peças de Sardou. E' uma bella *charge* como a *Familia Americana* e o *Divorcio-nos!* uma caricatura, um tanto carregada, do jornalista politico, opposicionista systematico, *enragé*, perseguidor de todos os governos... que lhe não dão bola e da imprensa representada por esses Giradins safardanas. Para sentir-se á vontade e evitar o perigo das adaptações dos typos da comedia a typos conhecidos na sociedade franceza, collocou Sardou a accção de *Rabagas* no principado de Monaco, um paizito semi-phantastico, como o reino de Yvetot e o paiz de *Cocagne*, muito commodo para servir de theatro ás scenas reaes, bem conhecidas, que fora perigoso collocar no seu verdadeiro theatro. Sardou conseguiu fazer sem intriga dramatica cinco actos vivos, scintillantes de *vérvé*, formidaveis de ironia e ricos de *carapuças*. E' o seu costume.

Mas também se distingue *Rabagas* por não poucas *felles* estafadas, entre as quaes salienta-se uma insupportavel e incomprehensivel carta, a carta fatal, obrigatoria de todas as peças de Sardou.

Aquella entrada do official Carlos no quarto da princeza é de um máu gosto lamentavel; as relações do principe com a tal viuva americana também não primam pela delicadeza nem pela moralidade. Mas que diabo ! no principado de Monaco...

A representação correu muito bem. Rossi deu-nos um completo, um magnifico *Rabagas*; e se nem sempre foi igual na interpretação que deu ao papel, fez algumas scenas admiravelmente, com toda a *vérvé* e naturalidade. Andó foi um bom principe de Monaco; e se o não foi melhor a culpa não foi de Andó, foi do principe, que é um tanto exquisto.

Checchi fez um Vuillard impagavel. Deu-nos um soberbo typo de jornalista aventureiro, sinistro por principio e porcalhão por habito; sempre de chapéu enterrado na cabeça e com as mãos quasi sempre enterradas nos bolsos... proprios, o que é de admirar. Um dos melhores papeis do Sr. Checchi. A Sra. Aleotti foi muito bem no seu interessante papel de Mistress Eva, papel de não pequena responsabilidade. Masi, Columbari, Zoli e os demais artistas concorreram para o soberbo *ensemble* da representação. O theatro esteve quasi vasio:—não entrava no espectáculo a Sra. Duse Checchi...

Faz beneficio hoje no Sant'Anna o estimado e provector actor Simões com a *Familia Americana*, a conhecida e applaudida comedia de Sardou.

Desejamos-lhe uma casa a botar fóra, pois bem o merece o excellent actor Simões.

A recita dos traductores da lenda tragica em 3 actos de D. José Echagarray: *No seio da Morte*, os nossos collegas Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida, terá logar na quinta-feira 10 do corrente, no theatro Recreio Dramatico.

A VIDA ELEGANTE

Depois de uma noite passada ao lado de um bando de graciosas senhoras, sorridentes e prazeteiras, interessantes e formosas, o que se poderá sentir, caríssimo leitor?

Depois que as vimos bem junto de nós, rescendendo ao perfume da violeta, da malva, do jasmim, fazendo-nos ouvir o timbre doce das suas vozes, diga, leitor, o que poderá passar-se em nossas almas?

Ha uma recordação saudosissima de tudo o que presenciámos, de tudo o que sentimos.

Desde sabbado que não nos sae da imaginação a magnifica soirée que na noite d'esse dia realisou o Club do Engenho Velho.

Ainda não nos foi possível esquecer o esplendor e os attractivos d'essa festa, em que bastante esmerou-se a directoria d'aquella importante sociedade.

Um concerto excellente precedeu as dansas que estiveram muito animadas e prolongaram-se até essa hora em que o céu desperta rubro como um inglez, cheio da luz do sol, alegre e esplendoroso.

Duraram as dansas até o momento de despontarem na curva do horisonte os primeiros raios da alvorada.

Mas, iamos nós contando, um concerto excellente precedeu as dansas.

Do que elle foi basta dizer que se fizeram ouvir F. do Nascimento, V. Cernichiaro, A. Bevilacqua, Bernardelli, Gravestein e Cerrone, e as Exmas. Sras. D. Presciliana de Souza, D. Alzira Peixoto, D. Helena Baptista Franco e D. Francisca Mello Mattos.

A Exma. Sra. D. Presciliana de Souza, possuidora de uma boa voz de soprano, cantou perfeitamente, recebendo muitos applausos, na valsa *L'Estasi*, de Arditi.

A *Faça do Destino*, de Verdi, foi bem cantada.

F. do Nascimento executou ao violoncello a sua composição, que já tivemos occasião de ouvir no Club Beethoven, intitulada *Echos de la Suède*.

E todos, amadores e artistas, foram muito e justamente applaudidos por todos os que tiveram a felicidade de ouvi-los.

A digna e amavel directoria do Club do Engenho Velho, que nos tratou muito attentiosamente, durante o deslumbrante sarau, nos confessamos sinceramente agradecidos, felicitando-a sinceramente. E que breve nos possamos deliciar de novo.

O Club Beethoven realisou na terça feira, nos salões do Cassino Fluminense, com toda a pompa, o seu quarto grande concerto symphonico.

Como era de esperar, foi uma festa na altura do bom gosto de que é dotada a directoria do Club Beethoven para estas cousas.

O Sr. Tamburlini, o distincto cantor que faz actualmente as delicias dos frequentadores do theatro D. Pedro II e a Sra. Stahl, a não menos distincta cantora, cuja voz é um dos principaes atractivos d'este theatro, tomaram parte no grande concerto, cantando aquella uma-aria da *Giocconda* e esta a cavatina dos *Huguenotes*, além de outras duas peças de musica ligeira.

Além d'estes dois distinctissimos artistas, ouvimos num concerto de Gade o Sr. Otto Beck, o eximio violinista a quem a *Semana* já tem tido muitas vezes occasião de elogiar.

Arthur Napoleão executou, com aquella pericia que todos lhe conhecemos, o *Concerto em sol menor* de Mendelssohn,

A nossa mais distincta sociedade correu pressurosa na noite de terça-feira aos salões do Cassino Fluminense que estavam repletos e ainda a estas horas deve sentir saudosas recordações d'essa festa excepcional em que a musica produziu as mais suaves delicias que é possível sentir-se.

A noite de 1 do corrente foi de alegrias e flores para o nosso estimado collaborador Dr. Henrique de Sá. Os seus salões adornáram-se em festa para receber os amigos da casa, que vinham felicitá-lo e á sua Exma. senhora, pelo anniversario de um seu filhinho e pelo baptisado de outro. Festa verdadeiramente dupla e que não poderá ser esquecida pelos que a ella assistiram.

O Dr. Henrique de Sá arranjára, com o bom gosto que o caracteriza, um pequeno concerto, que esteve realmente bom e onde figuraram distinctissimas senhoras.

Como se tratava de uma partida familiar, e fóra recommendada nos convites simplicidade nas *toilettes*, não commetteremos nenhuma indiscripção a esse respeito, apezar do desejo que temos de commetter muitas, pois muitas eram as *toilettes* de apurado gosto que lá tivemos occasião de admirar.

A meia noite principiaram as dansas que só tiveram fim ás 5 horas da madrugada com um animado e brilhantissimo *cotillon*.

LORGNON.

SONETO A PREMIO

(Vide semana n. 28 e seguintes)

Temos 39 concorrentes.

Recebemos mais os sonetos dos Srs. Quidam, Modesto de Paiva, Bernardo Taveira Junior e Amazonas.

O prazo do recebimento encerrar-se-á sexta-feira 11 do corrente. Em nosso numero do dia 12 daremos, com os nomes dos ultimos concorrentes ao certamen, os dos distinctos escriptores que têm de julgar-o.

FACTOS E NOTICIAS

Os Srs. Guimarães & Guimarães nos obsequiaram com alguns delicados machinhos de cigarros que, por considerá-los deliciosos, já reduzimos a simples fumaça.

Oxalá que os bons fumantes acertem com a casa onde se preparam os «Cigarros da Phrynéa», — é este o titulo da fabrica —, porque hão de ver o que é fumar com verdadeiro prazer.

Nossos agradecimentos aos Srs. Guimarães & Guimarães, pelos seus bons cigarros.

AO CORREIO

Queixam-se alguns de nossos assignantes da estação da Serraria que é raro receberem cartas volumosas expedidas da Corte. Recebem os jornaes regularmente, recebem as cartas simples: mas as que tem maior volume do que o commum para o porte de 100 rs., são provavelmente perdidas nos trens, por irem as malas abertas.

Com um simples cadeado poderá o Exm. Sr. director geral dos correios contribuir para a felicidade dos povos da Serraria,

Acham-se na Corte ha alguns dias, vindos da provincia do Espirito Santo, onde residem, o Dr. Joaquim Pinto Pacca, sua Exma. irmã e seu filho Alberto. O Dr. Pacca foi fundador e director das mais importantes colonias estabelecidas naquella provincia, que muito lhe deve do seu adeantamento e prosperidade,

A *Semana* cumprimenta cordalmente essa distincta familia, á qual dedica sympathia e gratidão, pois que aos seus generosos esforços deve boa parte da acceitação que tem tido naquella provincia.

Com a assistencia de Suas Magestades e Altezas Imperiaes, teve logar domingo no Lyceu Litterario Portuguez uma magnifica festa para commemorar o anniversario d'este importante estabelecimento de educação, verdadeiro protector do povo.

Sua Ex. o Sr. Barão de Mamoré, ministro do Imperio, a convite do Sr. commendador José João Martins de Pinho, presidente do Lyceu, presidiu a sessão e convidou os Srs. ministros de Portugal, Chile e Uruguay, senador Corrêa e conde de S. Salvador de Mattosinhos, a correr a cortina que occultava o retrato de Victor Hugo, que foi ali inaugurado por essa occasião, conservando-se de pé todas as pessoas presentes, inclusive as imperiaes, em signal de profundo respeito pelo immortal poeta.

Concedida a palavra ao Sr. commendador Luiz de Faro, secretario da directoria, falou este brilhantemente sobre esta justa homenagem, fazendo o historico do Lyceu e dos serviços que tem prestado á instrucção.

Foram depois distribuidos por S. M. Imperador os premios aos diversos alumnos que mais sobresahiram durante o anno e entregues pelo mesmo a respeitaveis senhoras da nossa mais alta sociedade diplomas de benemerencia.

Na segunda parte da sessão houve um pequeno concerto em que tomaram parte os Srs. F. do Nascimento e White. Falaram representantes de diversas associações, entre os quaes achavam-se os do Lyceu de Artes e Officios e do Retiro Litterario Portuguez, e o Sr. Hudson, por parto de toda a imprensa, que tambem se fez representar.

Foi uma bella festa. Parabens ao Lyceu.

Installou-se em S. Carlos do Pinhal no dia 30 do mez de Agosto o «Circulo Litterario Valentim Magalhães.» Oram na solemnidade, além do outros socios, os Srs. Florenco Duarte, orador official, e João Aranha.

Ha algumas semanas que fixou sua residencia e escriptorio de advocacia na cidade de Valença o nosso presadissimo collaborador Dr. Lucio de Mendonça, dantes domiciliado em S. Gonçalo do Sapucahy.

PRESIDENTES DAS PROVINCIAS

Foram nomeados:

O Senador João Alfredo Corrêa de Oliveira para o cargo de presidente da provincia de S. Paulo.

O Conselheiro Theodoro Machado para o de presidente da Bahia.

O Conselheiro Tristão de Alencar Araripe para o de presidente da do Pará.

O Desembargador Antonio Joaquim Rodrigues para o de presidente da do Espirito-Santo.

O bacharel Alfredo de Escragnolle

Taunay para o de presidente da do Paraná.

O bacharel João Lourenço Paes de Souza e José Caetano Corrêa para os de 1º e 2º vice-presidentes do Pará.

O Desembargador Antonio de Souza Mendes, para o de 1º vice-presidente do Ceará.

O Coronel Manoel Ribeiro Coutinho Marcondes e o Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Seabra, para os de 1º e 2º vice-presidentes do Espírito-Santo, sendo transferido para o 6º lugar da lista o 2º Dr. Epaminondas de Souza Gouvêa.

O Barão de Parnahyba e o bacharel Elias Antonio Pacheco Chaves, para os de 1º e 2º vice-presidentes de S. Paulo.

O bacharel Joaquim de Almeida Faria Sobrinho e o bacharel Cesario José Chavantes, para os de 1º e 2º vice-presidentes do Paraná.

O Visconde da Graça, o Dr. Miguel Rodrigues Barcellos e o Barão de Itaqui para os de 1º, 2º e 3º vice-presidentes do Rio Grande do Sul.

O Dr. Antonio Teixeira de Souza Magalhães e o Barão de Santa Helena, para os de 1º e 2º vice-presidentes de Minas Geraes, sendo transferido para o 3º lugar da lista o 1º Desembargador José Antonio Alves do Brito.

O bacharel José Joaquim Ramos Ferreira e Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, para os de 1º e 2º vice-presidentes de Matto Grosso.

Voltou ante-hontem para S. Paulo o nosso estimado collega do *Diario Mercantil*, Gaspar da Silva.

SPORT

No domingo ultimo realisou o *Derby Club* a sua segunda corrida. Figuraram nos pareos magníficos animaes. Entre estes *Atalanta, Eucharis, Phrynéa, Regalia, Taillefer* e *Aspasia*.

A concorrência foi verdadeiramente optima. Os trens e os bouds transportaram pouco mais ou menos tres mil passageiros.

A tribuna imperial estava vasia. Apenas fora visto cá em baixo, passando pausadamente, enfiado em uma correctissima sobrecauca prota, um loiro principe de faces risonhas e rubicundas, o mais velho, o que tem o geito do avô.

Ao meio dia principiaram as corridas. *Atalanta*, o *ai Jesus* dos frequentadores da *poule*, d'esta vez fez uma fiasqueira digna... de não ser registrada, porque dizem d'essa corrida umas *certas cousas*. Ah! mysteriosissimos *jockeys*, vocês são de todos os diabos; quando *querem* fazem como o *Lourenço*, dão pernas aos animaes, mas quando *pensam* ao contrario, adeus minhas encomendas! vae-se tudo quanto *Martha* fiou; e o tolo do zé povinho é quem paga o pato para meia duzia de felizardos.

Quem não toma juizo é o tal *Principe Alberto*. Ainda d'esta vez empacou á sahida. Que diabo de principe!

No ultimo pareo houve uma sahida falsa. *Aspasia* perdeu, e o povo que nella jogou, agglomerado junto da casa da *poule*, pediu a annullação da corrida; no que não foi satisfeito.

A's 6 horas da tarde terminaram as corridas, que estiveram brilhantes, apesar das nuvens que lhes toldaram por vezes o brilho.

VICTOR HUGO

A *Semana* recebeu de Pariz um grande cartão, largamente tarjado de negro, com estas palavras impressas:

LA FAMILLE DE VICTOR HUGO.

Esta demonstração de grandios e simplicidade do agradecimento da familia do grande morto pela homenagem que, com todo o mundo, lhe prestou *A Semana*, penhora-nos vivamente. Guardamos esse precioso cartão em um dos angulos do quadro em que se vê o retrato do immortal cantor de todas as grandezas e protector de todos os miserraveis, e com elle figura na sala da redacção d'esta folha.

COLLABORAÇÃO

DECEPÇÃO

Um velho, apaixonado por Mathilde, fitando-a ternamente lhe dizia:

« Nada existe que eu tanto ambicione, « como a vossa adoravel companhia.

« Quando tive a fortuna de encontrar-vos, « risquei do coração outros amores, « e tratei de estudar o melhor meio « de cercar-vos de mimos e favores.

« Por beijar-vos a fronte encantadora « cederá o meu logar no paraizo... » —Por bem pouco vendeis o que não tendes, « mas não devo causar-vos prejuizo. »

« Cruel! assim trataes a quem vos ama? « a quem por vós daria a propria vida? » —Desculpae-me o gracejo impertinente; « de magoar-vos estou arrependida. »

« Não quero compaixão! Amor sincero « me deveis, porque é santo o meu intento... » —Detende-vos, senhor! A vossa neto « fui hontem prometida em casamento. »

SANTOS BEMVINDO.

Lisboa, Janeiro de 1885.

YOYO

Não chores, irmã querida,
Acalma os soluços teus:
Os anjos não são da terra
Só vivem junto de Deus.

Era lindo o teu anjinho
Como as estrellas sem véu,
Mas um dia abriu as azas
Vóou... vóou para o céu...

Não mais velarás em torno
Do seu bercinho adorado;
Não mais seu meigo sorriso
Verás brilhar a teu lado.

Não mais seu candido rosto
Verás risonho e contente;
Não mais, no teu embebido,
Seu doce olhar innocente...

Não chores, irmã querida!
Era do céu... no céu s'tá.
Se lá não tem os teus braços,
Carinhos de Deus terá.

Quando para o céu elevas
O triste e saudoso olhar,
Pelo espaço procurando
O seu sorriso a brilhar;

Quando em lagrimas tu pensas
Ver além, no azul infundo,
Entre o brilho das estrellas,
O seu rostinho tão lindo;

Elle pede a Deus, consolo
Para a mãe amargurada,
Que o coração tem partido
E a alma dilacerada.

Não chores, irmã querida,
Acalma os soluços teus:
Os anjos não são da terra
Só vivem junto de Deus!

M. ZALINA ROLIM.

TRATOS Á BOLA

Ai, meu Deus! a minha lyra...
Que lyra! a lyra que tenho!
Felizmente não delira,
Ai, meu Deus! a minha lyra...
Por tel-a um *teuto* suspira,
Baldado de arte e de engenho.
Ai, meu Deus! a minha lyra...
Que lyra! a lyra que tenho!

O' meus queridos *tratistas*,
Eu nasci p'ra vos querer!
Vinde a mim... que *charadistas*!
O' meus queridos *tratistas*!
Minha *Musa*, não resistas
Aos tratos seus, que és mulher!
O' meus queridos *tratistas*
Eu nasci p'ra vos querer!

Cajú, Pépe, I. Portuguez,
D. Ruy, Joãozinho e Cayenna,
Não me apanham d'esta vez!
Cajú, Pépe, I, Portuguez...
As *tratices* tem seus *quês*
Descobril-os vale a pena,
Cajú, Pépe, I, Portuguez,
D. Ruy, Joãozinho e Cayenna...

Vinde, *D. Chico*, ligeiro,
Que sois o maior dos *barras*.
Buscar o premio primeiro,
Vinde *D. Chico*, ligeiro!
Que bom premio, seu *trateiro*
Vinde buscar as *Fanfarras*,
Vinde *D. Chico*, ligeiro,
Que sois o maior dos *barras*!

Sinhózinho dos Croquetes
Como dá voltas o mundo!
Eu mandei soltar foguetes,
Sinhózinho dos Croquetes!
Comei pimentas, *Laets*,
Que é d'elle o premio segundo...
Sinhózinho dos Croquetes
Como dá voltas o mundo!

DECIFRAÇÕES

Das novissimas: *Momo e Periodo*; das telegraphicas: *Marmota e Sapata*; da calimburguesca: *Archeiro*; do proverbio enyigma: *Sombra de páu não mata cobra*; da quebra-cabeças: *Guimarães*, e do enyigma alphabetico: *Camillo Castello Branco*.

E' trabalhar, *tratistas*!
São estas as *tratices*.
Vós todos sois artistas,
E' trabalhar, *tratistas*!
Vão longe as vossas vistas...
Aqui não ha tolices.
E' trabalhar *tratistas*!
São estas as *tratices*:

QUEBRA-CABEÇAS

Marapicú, Saquarema, Odíellas, Carangola, Rio Novo, Aracaty, Igoá, Itabira.
Formar com as iniciaes d'estes nomes, o primeiro nome de um poeta brasileiro já morto.

AUGMENTATIVA

(por letras)

Esta letra — está retirada — onde é a residencia — esta terra —

INVERTIDA

2— Não é redonda mas invertida põe-se ao fogo.

BENEDICTINA (1)

Oh! que terrazinha!... A' cama ide; caes Agã é sina e chita.

NOVISSIMA

1—2— Este homem enfurece em me-teoro aqueo.

EM QUADRO

Sou do tronco ou de negocio,
Na botica encontras tu,
E na espingarda, capadocio,
Me conhecem no Pégú.

PREMIOS

D'esta vez, meus senhores
Finos decifradores,
E vós senhoras, flores
D'esta linda secção,
Os premios reservados
Hão de ser conquistados,
Não pelos apressados,
Pelos primeiros, não!

Mas sim (são dois) os premios,
Dois segredinhos gemeos,
De embasbacar os gremios
(Oh! rima, tu és cruel!)
Os premios serão dados
Aos dois mais engraçados,
De graça mais dotados,
E disse.

D. PASTEL.

(1) Vide a explicação no n. 8 d'A Semana.

RECEBEMOS

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*; fasciculos ns. 2 e 3, com dois bellos chromos.

— Do Sr. Henri Nicoud: — *La Revue Politique et Littéraire* n. 5, de 8 de Agosto; *La Mode Illustrée* e *Le Salon de la Mode*, n. 32. de 9 de Agosto.

— *Ave Poeta!* — poemeto á memoria de Victor Hugo por Bernardo Taveira Junior. Nossa opinião daremos mais tarde.

— *Le Brésil* n. 2 — A primeira pagina traz uma gravura intitulada *Secção do Brazil* na Exposição Universal d'Anvers em 1885, e nas outras bellos artigos.

— *Relatorio* apresentado ao Sr. conselheiro João Ferreira de Moura, ex-ministro da Agricultura, pelo Dr. Julio Pinkas, chefe da commissão de estudos da estrada de ferro do Madeira a Mamoré.

A Vespia, n. 28 — Magnifica! Magnifica! Parabens ao Belmiro.

— Do *Congresso Gymnastico Portuguez* um convite especial para as festas do seu grande bazar.

— *Relatorio das commissões do Jury* da primeira exposição provincial, organisa da pela Associação Commercial e Agricola de S. Paulo.

— *Divina Comedia* — Fasciculo n. 8.

— *Noemia* — Polka de Miguel A. de Vasconcellos, oferecida pelo gerente da casa — Ao *Chapéu Imperial* ás Exmas. familias.

— *O Mequetrefe* n. 383. Vem desenhado com muito espirito. Traz na 8ª pagina um bom retrato da Sra. Adda Adini, retrato que tem no texto um elogio correspondente, feito pelo E. C. que d'esta vez fica sem o anel de brilhante, a caminharem as cousas por este feito. Felizardo!

Na setima pagina traz dois sonetos — *Invejas* — de F. d'Almeida, que já foram publicados ha seis annos, e que, valha a verdade, são bem ruinsinhos.

Tambem, ha seis annos...

— *O Mequetrefe* n. 384 — Magnifico!...

— *O Pharol* n. 2 — Delicioso... A poesia *O pince-nez* por Oscar de Castro é esplendida... Olhem só esta quadrinha:

Sinhásinha oh! que lindeza
E tens um todo degagé,
No andar és toda firme
Quando botas o pince-nez.

Muito bem, seu Carlos!...

— Do *Circulo Catholico do Rio de Janeiro* um prospecto do certamen artistico litterario, proposto pelo mesmo Circulo.

— *A Vespia* n. 29 — Bons desenhos. E' digna de louvor a pagina do centro. Quanto ao texto bem escripto.

— *L'Etoile du Sud* n. 1 — Ex-revista commercial, financeira e maritima do Imperio do Brazil. Folha diaria por um vintem.

— *Os Miseraveis* de Victor Hugo. Fasciculo n. 3.

CORREIO

Sr. S. O. — Embora de pouquissima importancia, não podemos responder á sua consulta por esta poderosa razão: — Sômente respondemos ás consultas e aos pedidos de informações dos nossos assignantes. E' um direito d'elles, que não podemos baratear. E' o Sr. assignante? Se é, diga-nos o seu nome e terá resposta á sua consulta; se não é, assigne *A Semana* e sem demora lhe responderemos. Entendeu?

Sr. *Armanciano* — O seu soneto *A' Duse-Chechi* fica na sala de espera.

Sr. *Lycurgo* (Nichteroy) — Gostámos da sua *Epygrammatica*. E' possivel que venha a ser publicada.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Con. sultorio: — rua Primeiro de Março, 22. de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia: — rua de S. Pedro, 294.

THEATRO RECREIO DRAMATICO

DIRECÇÃO DO ACTOR DIAS BRAGA

Quinta-feira 10 de Setembro

RECITA DOS TRADUCTORES

da lenda tragica, em 3 actos, do celebre dramaturgo hespanhol D. José Echegaray:

NO SEIO DA MORTE

Os bilhetes á venda no escriptorio d'A Semana e na bilheteria do theatro.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGIPE
(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde nunca houve epidemia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deixa a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da corte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

BISBILHOTEIRO FAMILIAR

Do

A. XAVIER DE ASSIS

A' venda em todas as livrarias a 1\$000

RELOJOARIA

DE

ALFREDO CEZAR DA SILVEIRA

Casa acreditada para concertos de relogios

67 RUA DA ASSEMBLEA 67

DR. ARAUJO FILHO
MEDICO PARTEIRO

RÉSIDRNCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

OBRAS

á venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow, 1\$000.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc'

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

AU PETIT JOURNAL
 ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES
 Especialidade em artigos proprios para presentes
 COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ
HENRY NICOUUD & C.
 Unicos correspondentes e depositarios nesta Côte da verdadeira
 "LA SAISON" de Paris
 Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.
 A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.
27 Rua dos Ourives 27
 RIO DE JANEIRO